

## Laranjas Caídas

Tinha um cheiro de acre nas mãos. Talvez tivesse sido inútil procurar pelo irmão no bar na noite passada. Mas precisava lhe contar sobre os segredos da mãe. Ele desconfiava? No entanto, assim que ela chega lá, se dá conta de que não sabe realmente o que quer dizer. É apenas ansiedade.

“Eu sei o que eles faziam, perto da lavanderia. Tinha um cheiro de acre, lembra?” Ela diz, esquentando um copo de uísque na mão sem realmente beber.

Ele está ocupado atrás do balcão. Dez anos lhe separam. Ela respira rapidamente quando perto dele. Sua imagem lhe faz pensar no pai, que os havia deixado quando eram pequenos. Agora não há mais ninguém.

“Tenho que trabalhar, Marlene. Você deve ir para casa. Não tem o que fazer?” Ele pergunta, enxugando o balcão e completando um drink com água gasificada. A bebida era verde-oliva e impregnava o vidro com um esmalte cor de verão.

“Preciso saber a verdade sobre a mamãe”, afirma Marlene, sentindo o aroma de canteiro, sabendo que seus olhos logo ficariam marejados de álcool ou de tristeza.

De um lado, o bar tinha motoqueiros; do outro, prostitutas. Não pareciam acompanhantes e se vestiam de maneira discreta. Um qualquer lugar de centro de cidade. Sem vestígios de reconhecimentos, ou qualquer tipo de conforto. Seu desejo de abraço, de um entender o motivo pelo qual a mãe morreu sozinha, insatisfeito – a distância entre ela e o irmão demasiada.

“Depois da morte, não há verdade, apenas versões. O que você precisa saber?” Ele pergunta, quando ela se acomoda numa mesa de canto tentando beliscar algumas batatas fritas. Ela termina o drink e pede um suco de laranja.

“Sabe, às vezes me pergunto por que nenhum de nós se casou. Acha que foi a maneira como fomos criados?” Ela divaga, os vestígios de casca de laranja entre as unhas, um flash de quem sabe subir num pé de fruta, sua mãe andando livremente na grama, no campo.

“Por que é importante ter explicação para tudo? Algumas coisas simplesmente o são. E neste caso, nunca encontrei ninguém com quem quisesse me casar,” afirma, acendendo um cigarro e dobrando o avental. Seu turno estava no fim. Tudo o que precisava fazer era colocar as garrafas no depósito e fechar o caixa. Eles se levantam. Momentos depois, ela vai embora.

Na manhã seguinte, quando acorda na casa da mãe, sente o mesmo cheiro de acre nas mãos. Na sala de estar, o sol brilha no sofá rosa. O local continua como sempre: esbranquiçado, resíduo de pó das laranjeiras. A presença da mãe viva nos objetos de porcelana e nas fotos espalhadas pela sala. Se não tivesse morrido de velhice, teria sido fulminada por um excesso de vida.

Lentamente, na direção da lavanderia, tenta esquecer os segredos, as lembranças do coito da mãe e do pai, dos amantes, encostados contra a máquina de lavar. Várias vezes os viu ali, acidentalmente, fingindo nada ver – uma criança curiosa da vida dos adultos. Naquele momento, porém, o ambiente é tranquilo, janelas se abrindo para o quintal.

É então que ela se depara com a enormidade das laranjeiras, os pés ao lado da casa. Tal imagem lhe convence da necessidade de lavar as roupas da mãe e doá-las: um ato que acaba por exumar os cadáveres, amontoados contra a parede. No intuito de pegar uma camisa que cai atrás da máquina de lavar, ela encontra as frutas por detrás do aparelho, laranjas podres abandonadas pelo que parecem séculos.

São ao menos oito laranjas, caídas talvez do galho mais próximo das laranjeiras. Há mofo sobre a pele dos frutos, num inesquecível cheiro de acre. Ela se pergunta se seu corpo seria capaz de reconhecer a passagem do tempo, a petrificação da pele, antes de fabricar o odor desagradável (de dentro para fora).

Imediatamente joga os pedaços da fruta num saco de lixo, eliminando o odor desagradável. Inadindo a sala, o sol aquece a pele primeira vez no dia e só então ela é capaz de identificar a verdade no cheiro da laranja.